

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n. 42 / 2026 - e19121115 / Costa, C.R.N. & Manica, D.T. / www.sexualidadsaludysociedad.org

DOSSIÊ CIÊNCIAS & FEMINISMOS

Ciências politicamente situadas e os desafios feministas do século XXI (APRESENTAÇÃO)

C. R. N. Costa¹ 

> clari.reche@gmail.com

ORCID: 0000-0002-5778-1122

D. T. Manica¹ 

> dtmanica@unicamp.br

ORCID: 0000-0001-8014-9996

¹Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil



Copyright © 2026 Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana. Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121115>

Resumo: O dossiê reúne sete artigos que apresentam desafios e potências de produzir ciências feministas, situadas e politicamente engajadas na América Latina. As autoras discutem como desigualdades de gênero, raça, classe e sexualidade atravessam práticas científicas, regimes de legitimidade e condições de trabalho, destacando a urgência de metodologias críticas, interseccionais e coletivas. Os trabalhos abordam desde a relação entre feminismo e CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) até questões sobre saúde, tecnociência, maternidade, coprodução de saberes e epistemologias insurgentes de mulheres plurais. Resultado de articulações feministas, o dossiê propõe imaginar e insistir em uma ciência sucessora, transformadora e comprometida com justiça social e epistêmica.

Palavras-chave: ciência feminista; CTS; Antropologia; epistemologias situadas; América Latina

Politically situated sciences and the feminist challenges of the 21st century (PRESENTATION)

Abstract: This dossier brings together seven articles that examine the challenges and potentials of producing feminist, situated, and politically engaged sciences in Latin America. The authors discuss how gender, race, class, and sexuality inequalities permeate scientific practices, regimes of legitimacy, and working conditions, highlighting the urgency of critical, intersectional, and collective methodologies. The contributions address themes ranging from the relationship between feminism and STS (Science, Technology and Society) to issues related to health, technoscience, motherhood, knowledge coproduction, and the insurgent epistemologies of diverse women. As the result of feminist articulations, the dossier calls for imagining and insisting on a successor science, transformative and committed to social and epistemic justice.

Keywords: feminist science; STS; Anthropology; situated epistemologies; Latin America

Ciencias políticamente situadas y los desafíos feministas del siglo XXI (PRESENTACIÓN)

Resumen: El dossier reúne siete artículos que examinan los desafíos y las potencias de producir ciencias feministas, situadas y políticamente comprometidas en América Latina. Las autoras discuten cómo las desigualdades de género, raza, clase y sexualidad atraviesan las prácticas científicas, los regímenes de legitimidad y las condiciones de trabajo, destacando la urgencia de metodologías críticas, interseccionales y colectivas. Los trabajos abordan temas que van desde la relación entre feminismo y CTS (Ciencia, Tecnología y Sociedad) hasta cuestiones de salud, tecnociencia, maternidad, coproducción de saberes y epistemologías insurgentes de mujeres plurales. Resultado de articulaciones feministas, el dossier propone imaginar e insistir en una ciencia sucesora, transformadora y comprometida con la justicia social y epistémica.

Palabras clave: ciencia feminista; CTS; Antropología; epistemologías situadas; América Latina

Ciências politicamente situadas e os desafios feministas do século XXI (APRESENTAÇÃO)

Escribo para incendiar. Escribo como quien grita, como quien bloquea con piedras el camino, como quien rompe una camisa de fuerza, como quien escribe su epitafio, como quien escribe un telegrama urgente con noticia inesperada. Escribo al ritmo de quien bombea con oxígeno un pulmón al borde de la asfixia. Como quien escribe algo más importante que las tablas viejas del viejo testamento con los viejos mandamientos patriarcales que nos definen a las mujeres como propiedad y como carne sin verbo. Escribo sin dios, sin amo y sin patrón.
(Galindo 2022, p. 24)

Se há algo evidente nas crises que enfrentamos nesses últimos anos, é de que muitos problemas estão estruturados em torno de questões ligadas às ciências. Há mudanças e alterações significativas nos regimes de legitimidade. Em especial, cientistas que escolhem uma posição marcada por determinantes de gênero, raça, orientação sexual, geração têm sofrido com processos de exposição e perseguição. A rapidez desses processos tornou ainda mais urgente construir projetos de ensino, pesquisa e extensão com estratégias e potencialidades transdisciplinares, que sejam simétricos em relação às comunidades e coletivos com os quais trabalham, e social e geopoliticamente referenciados.

Esse dossiê traz sete trabalhos de pesquisadoras que têm enfrentado desafios nesse sentido, a partir de diferentes países, como Argentina, Brasil, Chile e Colômbia, e de diversas áreas do conhecimento, como Antropologia, Sociologia e Saúde Coletiva. As inquietações que colocamos coletivamente para a elaboração dos artigos foram: 1. o posicionamento de nossas pesquisas em relação à produção de conhecimento em geral, e a presença de conhecimentos produzidos por mulheres latinoamericanas; 2. a revisão das práticas de pesquisa, considerando como o conhecimento que produzimos está situado e onde; 3. como as pesquisadoras imaginam que seja uma ciência efetivamente transformadora e libertadora. Frente aos desafios que enfrentamos neste primeiro quarto do século XXI, nos perguntamos: é possível pensar em uma ciência sucessora feminista, como propõem Sandra Harding (1986) e Donna Haraway (1995)? Do que devemos abrir mão? O que devemos manter?

Estas inquietações e questionamentos emergiram a partir de trocas entre nós e muitas outras pesquisadoras ao longo das últimas décadas. São incômodos que vêm nos movendo há muito tempo, mas que nos últimos anos encontraram na urgência da vida um caminho

para serem expressados, sistematizados e comunicados. Este caminho é o da articulação coletiva, prática potente e historicamente feminista de construção de laços, pontes, redes que amplificam não somente as dores que sentimos individualmente, mas principalmente nossa potência de pensar e agir melhor coletivamente, o que Isabelle Stengers (2015) define por alegria. O dossiê é resultado destas duas dimensões de nossa articulação política, feminista, no coração do campo de estudos sociais da ciência e tecnologia.

Dentre as articulações que estamos experimentando, destaca-se a criação e consolidação da Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias (RAFeCT)¹. Criada em 2023, a RAFeCT é uma coletiva de pesquisadoras dedicadas aos estudos de ciência e tecnologia a partir de perspectivas situadas, parciais, interseccionais, éticas e responsáveis, com o objetivo de promover justiça social, equidade de gênero e combater opressões estruturais. No momento em que finalizamos a escrita desta introdução, somos 80 pesquisadoras e 28 grupos de pesquisas e laboratórios vinculados formalmente à rede². Além de contemplar todas as regiões do Brasil, a rede também reúne pesquisadoras de países como Argentina, Chile, Colômbia e México.

Nossas atividades buscam promover espaços de conversação e acolhimento, e para tanto estamos: organizando atividades dentro de congressos da área, como oficinas, mesas redondas, grupos de trabalho; atuando junto às associações para defender pautas como, por exemplo, a correta aplicação de política voltadas à valorização das pesquisadoras mães³; organizando reuniões e encontros da rede⁴; e fortalecendo a produção e circulação de conhecimentos feministas através da divulgação das atividades das pesquisadoras rede⁵, da manutenção de um blog⁶, e da produção de publicações coletivas, como este dossiê.

Um passo importante para a articulação da rede foi dado a partir do projeto “Um mundaréu de histórias: antropologia feminista da ciência e da tecnologia na América Latina”⁷, em cujo escopo foi produzido um mapeamento de pesquisas na

¹ Saiba mais em RAFeCT (2025a).

² Saiba mais em RAFeCT (2025b).

³ Atualmente, estamos trabalhando em duas frentes: verificando a aplicação da política de inclusão de mães pesquisadoras no CNPq, e desenvolvendo proposta para guiar o desenho e aplicação de espaços de acolhimento de crianças em eventos científicos. Saiba mais em RAFeCT (2025c).

⁴ Até o momento, organizamos quatro reuniões presenciais nos seguintes encontros: XIV RAM (2023), IX ReACT(2023), XV RAM (2025) e X REACT (2025). Está previsto para o ano de 2026 o primeiro encontro presencial da RAFeCT, a ser realizado na UFG, juntamente com a Reunião Brasileira de Antropologia.

⁵ Saiba mais em RAFeCT (2025d).

⁶ Saiba mais em RAFeCT (2025e).

⁷ Processo FAPESP 2022/05943-0. Disponível em FAPESP (2023).

área da antropologia da ciência e da tecnologia na América Latina, com perspectivas feministas antirracistas, interseccionais e decoloniais (Manica et al. 2026). Tal projeto foi realizado dentro do Mundaréu⁸, podcast de antropologia sediado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor - Unicamp) e coordenado por Daniela Manica. Atualmente, o podcast segue a partir seu funcionamento próprio, com outras estratégias multimodais de divulgação das pesquisadoras⁹.

Os trabalhos presentes neste dossiê foram semeados nestes contextos, da pesquisa e da articulação da RAFECT, sendo que a maioria deles foi produzida a partir do esforço de organização de duas mesas-redondas. A primeira, chamada “Conversas entre mundos: CTS e antropologías feministas em latinoamérica”, aconteceu durante a XV Jornada Latino-Americana de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESOCITE.LA), realizada entre os dias 23 e 25 de julho de 2024 na Unicamp (Campinas, SP)¹⁰. Com participação de Tânia Perez-Bustos (Universidad Nacional de Colombia), Varin Mema (UFRJ), Luciene de Oliveira Dias (UFG), e María Sol Anigstein (Universidad de Chile), discutimos na mesa-redonda como antropólogas feministas latino-americanas têm reconfigurado práticas e epistemologias da antropologia e dos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade a partir de perspectivas situadas, críticas e transformadoras.

A segunda mesa-redonda, “É possível fazer uma ciência feminista no Brasil do século XXI?”, ocorreu durante o 48º Encontro Anual da ANPOCS, de 23 a 25 de outubro de 2024, também na Unicamp¹¹. Com a presença de Soraya Fleischer (UnB), Carolina Cantarino Rodrigues (Unicamp), Elaine Reis Brandão (IESC-UFRJ), Indianara Silva (UEFS), e Daniela Tonelli Manica (Unicamp), abordamos os desafios enfrentados por pesquisadoras que se posicionam a partir de uma ciência feminista — abordando temas de pesquisa, financiamento, comunicação pública e hierarquias científicas — e discutimos sobre ciência como prática humana situada em contextos sociais e políticos. Esta mesa-redonda foi gravada pela equipe do Mundaréu, e foi produzida como o último episódio da sexta temporada¹², encerrando a pesquisa citada anteriormente.

⁸ Saiba mais em MUNDARÉU (2025a).

⁹ Um exemplo é o projeto “Rede de Antropologia Feminista da Ciência e da Tecnologia: multimodalidade como ferramenta para fomento de redes e divulgação científica” (Processo 2024/05482-8) realizado por Clarissa Reche Nunes da Costa, contemplado com bolsa do Programa Jornalismo Científico da FAPESP. Saiba mais em FAPESP (2024).

¹⁰ Saiba mais em ESOCITE.LA (2026).

¹¹ Saiba mais em ANPOCS (2024).

¹² Saiba mais em MUNDARÉU (2025b).

O episódio estará disponível online a partir de 31 de janeiro de 2026 para escuta e compõe a produção deste dossiê¹³.

Além da disposição para articulações feministas em nossos campos de atuação, é o interesse por ciência e tecnologia como tema de pesquisa o que também costura os artigos apresentados aqui. Ciência e Tecnologia são discutidas como práticas humanas, políticas e situadas, criticadas por operarem historicamente sob um paradigma positivista, masculinista e eurocêntrico que reproduz desigualdades sociais e epistêmicas. Já o campo dos estudos sociais da ciência e tecnologia na América Latina é analisado em sua fragilidade institucional, cujas estruturas de poder produzem e reproduzem violências e perseguições. A tecnociência é abordada em seu papel na configuração de hierarquias científicas, especialmente em relação a dispositivos biomédicos e políticas de saúde que frequentemente desqualificam o conhecimento experiencial de mulheres usuárias, um problema que exige combater a injustiça epistêmica.

Em consonância com as premissas da “*Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*”, este dossiê se concentra na interseção de gênero, saúde, sexualidade e poder no contexto da América Latina (Abya Yala), apresentando os seguintes temas: a inserção e a necessidade de perspectivas feministas nos Estudos de Ciência e Tecnologia (CTS) na América Latina; os desafios metodológicos e as agendas da antropologia feminista da ciência e tecnologia, utilizando ferramentas como podcasts, blogs e redes sociais para dar visibilidade a pesquisadoras; a aplicação de metodologias criativas, críticas e feministas na pesquisa em saúde para contestar o paradigma positivista e promover a justiça epistêmica; o protagonismo de mulheres negras, indígenas e lésbicas na antropologia, com foco na descolonização do saber; a coprodução de saberes com a população trans e travesti para confrontar o cissexismo na produção de dados socio sanitários; a crítica feminista à ciência biomédica a partir de um caso sobre esterilização feminina, defendendo a legitimidade do conhecimento experiencial das pacientes; e, por fim, as tensões entre maternidade e carreira acadêmica, problematizando o modelo produtivista da ciência. Em suma, esta coleção de artigos está unida pelo compromisso em desafiar o conhecimento hegemônico na América Latina, utilizando metodologias participativas e a interseccionalidade para validar a experiência situada e transformar as desigualdades sociais e epistêmicas que atravessam os corpos, a saúde e a própria academia.

O artigo que abre o dossiê traz um panorama sobre a relação entre os estudos feministas e os Estudos de Ciência e Tecnologia (CTS) na América Latina, destacando a importância teórica de incorporar perspectivas feministas na investigação da configuração do conhecimento especializado e seus artefatos na região. Em “El trabajo de la insistencia. Sobre la necesidad de incluir la mirada feminista en el campo de los

¹³ Ouça o “Episódio 36: É possível fazer uma ciência feminista no século XXI?” em MUNDARÉU (2025c).

estudios de ciencia y tecnología”, Tânia Pérez-Bustos (2026) argumenta que, embora mudanças estejam acontecendo, o feminismo ainda precisa insistir em sua inclusão no campo dos CTS, uma vez que as estruturas de poder acadêmicas persistem na reprodução de desigualdades. Nesse cenário, a falta de institucionalização dos campos interdisciplinares fragiliza o diálogo crítico e limita as possibilidades de atuação. Essa dificuldade é analisada sob a ótica do “trabalho de fronteira”, no qual a posição de subordinação (marcada por gênero, raça e classe) das acadêmicas feministas afeta sua capacidade de demarcar e legitimar seus temas e propostas dentro do campo CTS. O trabalho sublinha que as perspectivas feministas são cruciais por oferecerem uma proposta teórica que questiona o poder, a desigualdade e os binarismos, permitindo uma transformação do conhecimento ao insistir em uma objetividade fortalecida e na compreensão de que a produção científica é situada e atravessada por múltiplas dimensões de poder e pela vida cotidiana. E nos convoca a seguir insistindo.

Adensando este primeiro panorama, temos o artigo seguinte, “Agendas de pesquisa e desafios metodológicos para a antropologia feminista da ciência e tecnologia na América Latina: experimentando intervenções com podcast” de Daniela Tonelli Manica, Fernanda Mariath e Clarissa Reche Nunes da Costa (Manica et al. 2026). Este artigo apresenta resultados do projeto “Um mundaréu de histórias: antropologia feminista da ciência e tecnologia na América Latina”. O trabalho mapeou mais de 280 pesquisadoras no Brasil, Argentina e Colômbia, que trabalham com perspectivas feministas, antirracistas, interseccionais e decoloniais, buscando dar visibilidade às pesquisas minoritárias em um contexto no qual o ambiente acadêmico ressoa as violências de gênero e a misoginia presentes na sociedade de forma mais ampla. Para superar o desafio de comunicar resultados a um público mais amplo que o científico, o projeto experimentou a multimodalidade como metodologia, produzindo 25 episódios do podcast Mundaréu entre 2023 e 2025. Esta intervenção buscou amplificar vozes, usando a mídia sonora para veicular as histórias, sotaques e emoções das cientistas, permitindo uma reflexão conjunta e dialógica. Ao investir no trabalho coletivo, interdisciplinar e internacional, promovendo costuras entre a produção científica e o podcast, o projeto busca posicionar a ciência para que responda a prioridades coletivas e politicamente situadas, confrontando as matrizes colonialistas e misóginas da tecnociência. Neste processo, foram experimentados e fabricados novos imaginários do que são e do que podem ser as cientistas, e as ciências feita por elas em diálogo e parceria com suas interlocutoras de pesquisa.

O terceiro artigo, “Mulheres, Ciências e Guias Epistêmicas Insurgentes” de Luciene de Oliveira Dias (2026), apresenta resultados preliminares de uma investigação mais ampla e em andamento que questiona o protagonismo de mulheres plurais — negras, indígenas e lésbicas — na ciência antropológica a partir de agrupamentos de pesquisa em Abya Yala. A pesquisa se situa em um contexto global de desigualdade

ambiental, social e epistêmica, no qual a produção de conhecimento é hegemonicamente concentrada em eixos geográficos privilegiados, resultando no histórico alijamento de outros lugares e agentes de produção científica. O texto adota esse termo, Abya Yala (utilizado pelo povo Kuna e movimentos sociais), para renomear a América Latina, destacando a agência de produção de um conhecimento específico que busque a ruptura com a nomenclatura colonial e o ofuscamento dos povos originários. Buscando legitimar uma Antropologia plural, antirracista e anticapacitista, o trabalho utiliza a etnografia multisituada em centros como o Pindoba (Brasil) e a Escuela de Estudios de Género (Colômbia) para confrontar a colonialidade do saber e evidenciar a presença seletiva e ausência compulsória dessas agentes na academia. Ao acionar a interseccionalidade como lente metodológica e categoria de análise, o artigo visa construir um panorama que sirva como um guia epistêmico insurgente, capaz de reorientar epistemologias e pertencimentos na Antropologia, posicionando o conhecimento situado dessas mulheres como fundamental para a conquista do bem-viver.

Adentrando no campo específico da saúde, o quarto artigo apresenta uma reflexão crítica sobre o papel das pesquisas que utilizam abordagens feministas e metodologias críticas neste campo na América Latina, partindo de uma revisão narrativa para caracterizar as técnicas e os temas abordados. Em “Cómo investigamos nosotras. Reflexiones sobre técnicas y experiencias de investigación en salud desde metodologías críticas con enfoque feminista”, María Sol Anigstein, Antonia Fontaine e Andrea Alvarez (Anigstein et al. 2026) apresentam uma investigação que se insere em uma crítica histórica ao paradigma positivista, que dominou a ciência por meio da exigência de objetividade e neutralidade, perpetuando o sexismo e o androcentrismo e deslegitimando saberes que não se encaixam no cânone. Embora o estudo revele a baixa presença desses enfoques na pesquisa em saúde na região, ele identifica metodologias-chave, como a Investigación-Acción Participativa (IAP), a etnografia feminista e as cartografias participativas. Estas práticas se distinguem por um posicionamento político, pelo reconhecimento do conhecimento situado e pela defesa da interseccionalidade, buscando horizontalizar a relação entre pesquisadoras e participantes para dismantelar estruturas de opressão e validar sistemas de saberes populares e comunitários, contribuindo assim para a justiça cognitiva e para a transformação social das condições de vida dos coletivos subalternizados.

Em “Coproducción de saberes y cissexismo. Reflexiones epistemológicas sobre la construcción de indicadores y diagnósticos participativos en población trans y travesti de Argentina”, quinto artigo do dossiê, Alejandra Roca e Cecilia Rustoyburu (Roca e Rustoyburu 2026) oferecem uma análise crítica de um projeto participativo recente que desenhou e aplicou um levantamento nacional inédito em 2023 sobre as condições socio sanitárias das pessoas travestis e trans na Argentina, que continuam a enfrentar situações de violência e exclusão, apesar de possuírem uma legislação de vanguarda.

Nesse contexto, a construção de conhecimento sobre suas condições de vida tem uma longa tradição de coprodução de saberes com as organizações políticas que as representam. O projeto, realizado em um trabalho colaborativo com dezoito profissionais de saúde e pertencentes a dezenove organizações, problematiza as rígidas hierarquias entre quem investiga e os sujeitos estudados. Ao adotar a coprodução de conhecimentos, que dissolve as fronteiras entre sujeito e objeto e coloca em disputa saberes acadêmicos e não acadêmicos, busca-se confrontar o cissexismo — o sistema de opressão que permeia a medicina hegemônica e a produção científica, resultando em patologização, exclusão e extrativismo cognitivo. O processo de negociação e construção coletiva do formulário de pesquisa, que incluiu o debate sobre categorias biomédicas e a incorporação das experiências somáticas e demandas dos ativismos, garantiu a legitimidade e robustez dos dados, posicionando as organizações como autoras e possuidoras legítimas dos resultados para subsidiar políticas públicas e a luta por direitos.

Elaine Reis Brandão (2026) assina o sexto artigo do dossiê. “O lugar incômodo da ciência feminista: aportes a partir de uma pesquisa socioantropológica sobre um dispositivo biomédico para esterilização de mulheres” recupera uma trajetória de pesquisa focada nas políticas e práticas contraceptivas no Brasil para refletir sobre o significado de realizar uma ciência feminista que seja ética e politicamente engajada na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos. A pesquisa, ancorada na interface entre a Antropologia e a Saúde Coletiva e orientada pelas lentes da interseccionalidade e da justiça reprodutiva, discute a profunda hierarquia científica que desqualifica os saberes marginais e socialmente situados das mulheres usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS). O trabalho utiliza como estudo de caso a mobilização de mulheres afetadas pelo dispositivo de esterilização Essure® para expor a disputa epistêmica na qual o conhecimento delas, baseado em suas experiências corporais e testemunhos sobre adoecimento, é negligenciado ou invalidado pela expertise médica (fenômeno relacionado à “injustiça epistêmica” e “medical gaslighting”). Em essência, o artigo busca legitimar o conhecimento experiencial das pacientes para desafiar o modelo de ciência biomédica ocidental, masculinista e com vieses coloniais, propondo que uma ciência mais inclusiva e atenta às desigualdades de gênero, raça e classe é fundamental para garantir a autonomia e a integridade corporal das mulheres.

O sétimo artigo, que fecha o dossiê, traz as complexas camadas pelas quais a maternidade atravessa as trajetórias de pesquisadoras e pessoas que gestam, indo além da simples escolha de ter ou não filhos e abrangendo intervenções corporais, o silêncio do puerpério e as dificuldades do retorno ao trabalho. “Maternidade como espaço de negociação e atuação na carreira de pesquisadoras feministas a partir de três cenas: docência, pesquisa e autobiografia” de Débora Allebrandt (2026), tem objetivo central problematizar as tensões e atravessamentos entre maternidade, docência e pesquisa, oferecendo uma contribuição feminista aos estudos de ciência e tecnologia (CTS) ao

questionar as posições e privilégios que moldam a produção científica. Inspirado por conceitos como *enactment* (Mol 2003), objetos dobráveis (M'charek 2013) e simpoiese (Haraway 2019), o texto trata a maternidade como um construto material e socialmente envolvido. A análise se desdobra em três cenas (pesquisa, docência e autobiografia) para examinar os engajamentos, desconfortos e conflitos enfrentados por cientistas mães, evidenciando o impacto negativo da parentalidade na carreira acadêmica, a desqualificação de agendas feministas (como o combate à violência obstétrica) nos editais de fomento, e as pressões que levam ao adiamento do desejo de filhos. Em última instância, o trabalho busca posicionar a maternidade como um direito sexual e reprodutivo a ser garantido, clamando por um espaço de vulnerabilidade que confronte o modelo de ciência produtivista e masculinista que perpetua grandes desigualdades de gênero na academia.

Tomados em conjunto, os sete artigos deste dossiê realizam diversos movimentos. O reconhecimento das violências que atravessam a produção de conhecimento; o mapeamento detalhado de problemas e de ações coletivas já em curso; uma revisão crítica de metodologias e epistemologias; e a formulação de propostas para uma outra ciência, sucessora e feminista. Esperamos que este dossiê contribua com a fabricação de corpos empíricos, teóricos e metodológicos que nos ajudem no “trabalho da insistência” (Pérez-Bustos 2026) feminista ao estar e permanecer produzindo conhecimento científico a partir da “alegria na criação do vínculo” (Manica et al 2026) para desafiar o paradigma hegemônico a partir de epistemologias plurais (Dias 2026; Roca e Rustoyburu 2026) e confrontar as desigualdades que atravessam os corpos e os territórios (Anigstein et al 2026; Brandão 2026; Allebrandt 2026) na América Latina.

Recebido: 26/11/2025

Aceito para publicação: 03/12/2025

Editor-chefe: Sergio Carrara

Editor Associado: Regina Facchini

Declaração de dados: Todos os dados estão disponíveis no texto

Referências

- Allebrandt, Débora. 2026. Maternidade como espaço de negociação e atuação na carreira de pesquisadoras feministas a partir de três cenas: docência, pesquisa e autobiografia. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana*. (42): e19121406. <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121406>
- Anigstein, María Sol, Antonia Fontaine and Andrea Alvarez. 2026. Cómo investigamos nosotras. Reflexiones sobre técnicas y experiencias de investigación en salud desde metodologías críticas con enfoque feminista. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana*. (42).
- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. 2024. “MR09: É Possível Fazer uma Ciência Feminista no Brasil do Século XXI?” Disponível em: https://www.encontro2024.anpocs.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=2239. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Brandão, Elaine Reis. 2026. O lugar incômodo da ciência feminista: aportes a partir de uma pesquisa socioantropológica sobre um dispositivo biomédico para esterilização de mulheres. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana*. (42): e19121401. <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121401>
- Dias, Luciene de O. 2026. Mulheres, Ciências e Guias Epistêmicas Insurgentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana* (42): e19121343. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121343>.
- ESOCITE.LA. Asociación Latinoamericana de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología. 2026. “Página inicial.” Disponível em: <https://www.esocite.la>. Acesso em: 2 de fevereiro 2026.
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Biblioteca Virtual da FAPESP. 2023. “Um Mundaréu de Histórias: Antropologia Feminista da Ciência e da Tecnologia na América Latina.” Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/111455/um-mundareu-de-historias-antropologia-feminista-da-ciencia-e-da-tecnologia-na-america-latina/>. Acesso em: 4 de junho de 2025.
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Biblioteca Virtual da FAPESP. 2024. “Rede de Antropologia Feminista da Ciência e da Tecnologia: Multimodalidade como Ferramenta para Fomento de Redes e Divulgação Científica.” Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/219029/rede-de-antropologia-feminista-da-ciencia-e-da-tecnologia-multimodalidade-como-ferramenta-para-fomen/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Galindo, María. 2022. *Feminismo Bastardo*. 1. ed. Editorial USACH.
- Haraway, Donna. 1995. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.” *Cadernos Pagu* (5), 7-41.
- Haraway, Donna. 2019. *Seguir con el Problema: Generar Parentesco en el Chthuluceno*. Consonni.
- Harding, Sandra. 1986. *The Science Question in Feminism*. Cornell University.
- Manica, Daniela T., Fernanda Mariath and Clarissa Reche Nunes da Costa. 2026. Agendas de pesquisa e desafios metodológicos para a antropologia feminista da ciência e tecnologia na América Latina: experimentando intervenções com podcast. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana*. (42): e19121337. <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121337>

- M'charek, Amade. 2013. Beyond fact or fiction: on the materiality of race in practice. *Cultural Anthropology*. 28 (3): 420–42.
- Mol, Annemarie. 2003. *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. Duke University Press Books.
- MUNDARÉU. 2025a. “MUNDARÉU – Podcast de Antropologia.” Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- MUNDARÉU. 2025b. “MUNDARÉU – Sexta Temporada.” Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/sexta-temporada/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- MUNDARÉU. 2025c. “MUNDARÉU – Episódio 36: É possível fazer uma ciência feminista no século XXI?” Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/episodio-36-e-possivel-fazer-uma-ciencia-feminista-no-seculo-xxi/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Pérez-Bustos, Tânia. 2026. El trabajo de la insistencia. Sobre la necesidad de incluir la mirada feminista en el campo de los estudios de ciencia y tecnología. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana*. (42): e19121217. <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121217>
- Roca, Alejandra and Cecilia Rustoyburu. 2026. Coproducción de saberes y cisexismo. Reflexiones epistemológicas sobre la construcción de indicadores y diagnósticos participativos en población trans y travesti de Argentina. *Sexualidad, Salud y Sociedad : Revista Latinoamericana*. (42): e19121355. <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2026.19121355>
- Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias – RAFECT. 2025a. “Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias.” Disponível em: <https://rafect.labjor.unicamp.br>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias – RAFECT. 2025b. “Quem somos.” Disponível em: <https://rafect.labjor.unicamp.br/conheca/quem-somos/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias – RAFECT. 2025c. “Notas.” Disponível em: <https://rafect.labjor.unicamp.br/notas/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias – RAFECT. 2025d. “Atividades.” Disponível em: <https://rafect.labjor.unicamp.br/atividades/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias – RAFECT. 2025e. “Blog da RAFECT.” Disponível em: <https://rafect.labjor.unicamp.br/blog/>. Acesso em: 25 de novembro de 2025.
- Stengers, Isabelle. 2015. No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac&Naify.